

## AS UNIVERSIDADES MEDIEVAIS: ESTUDO E FORMAÇÃO

DEROCINA ALVES CAMPOS SOSA<sup>1</sup>

Estudar a Idade Média significa, antes de mais nada, despir-se de todos os preconceitos inerentes a esse período da história que a qualificam como idade das trevas, período de barbárie, entre outros epítetos. Germinam e crescem nesse período a cultura e a civilização européias, nascidas da cultura cristã. Começa com esse período um universo estruturalmente cristão por iniciativa da Igreja.

Suas características mais importantes são teocentrismo e unidade da fé, filosofia e teologia escolástica (técnica de ensino e de exposição de temas filosóficos e teológicos), domínio do Pontificado e do Império, Feudalismo, Corporações, Cruzadas, Ordens Mendicantes, Inquisição, preservação da cultura clássica romana e recuperação da cultura e filosofia gregas.

O termo *universitas* medieval no sentido de agremiação de professores e ou alunos, com o seu cosmopolitismo e seu significado social e político, com a sua organização jurídico-estatutária e a homologação oficial pelo papas ou reis, passou a existir apenas depois do século XIII. Segundo Ullmann (2000),

*A universitas* constituía uma simples associação de indivíduos, sem o caráter institucional das universidades modernas. Bastava os alunos estarem ligados a um mestre. Essa agregação formava a chamada *schola* ou família do professor. Incumbia a este compensar as lacunas na formação de seus pupilos, oriundos de lugares os mais diversos.

O mundo antigo conheceu algumas formas de ensino, que no entanto não chegaram a constituir um espaço universitário propriamente dito. A escola ascético-terapêutica de Buda (650-550 a. C) visava a purificar os discípulos e libertá-los da dor. Não pode ser chamada de universidade, porque não tinha a chancela oficial nem ensinava ciências particulares.

---

<sup>1</sup> Professora do Dep. de Biblioteconomia e História – FURG. Doutora em História das Sociedades Ibéricas e Americanas – PUCRS.

Na China, a Escola de Confúcio (511-478 a. C.) pregava a reforma dos costumes e o amor ao próximo, a piedade filial, o desprezo às riquezas e “glórias mundanas”.

Os discípulos da Escola de Pitágoras, na Grécia (582-500 a. C.), formavam uma comunidade esotérica e celibatária, com a prática do silêncio e a abstenção de certos alimentos.

A Academia de Platão, por seu turno, fundada em 387 a. C., possuía feição de curso superior, com um currículo de estudos que incluía Filosofia, Dialética, Física, Ética, Matemática e Astronomia. O objetivo de Platão era o estudo da *epistême*, ou seja, a ciência verdadeira. No ensino empregava o método dialético, totalmente contrário à dominação passiva. Os discípulos não recebiam os ensinamentos prontos, tinham de descobri-los sozinhos e superar as dificuldades.

O Liceu de Aristóteles é outra criação ainda do mundo antigo. Nele estudava-se Meteorologia, Zoologia, Botânica, Psicologia, Moral, Retórica e Poesia.

Em Alexandria existiram o *Mouseïon* (instituição voltada para a investigação) e a *Didascália*, a qual propunha estreito enlace entre a Filosofia e o Cristianismo.

Em Constantinopla, por sua vez, foi inaugurada em 425 a. C. uma universidade por Teodósio II, para fazer frente à influência pagã. Com algumas interrupções, funcionou até 1453. Sua organização comportava professores pagos pelo Estado. Estudavam Gramática, compreendendo o Grego e o Latim. O conjunto de cátedras totalizava 31, distribuídas por diferentes faculdades.

Com a desintegração do Império Romano do Ocidente, uma série de transformações vai ocorrendo na Europa, dando origem às futuras universidades. No entanto, algumas escolas merecem especial atenção, por encerrarem na sua formação a cultura e o saber erudito que foram passados de geração em geração através do empenho dos seus frequentadores.

Outra tendência que prevaleceu foi a criação das Escolas Monacais do Oriente e do Ocidente, voltadas para a vida religiosa e representativa dos educandários dos séculos seguintes; as monacais do Ocidente preocupavam-se com a cultura além da *ascese*. Santo Agostinho fundou um seminário em Teggaste, na África, para a formação de sacerdotes. Outros foram fundados na Europa. Na França, ficou famoso o mosteiro de Cluny, erigido em 910, que serviu de modelo à criação de outras abadias.

As atividades dos fundadores das primeiras escolas monacais e episcopais, que visavam especificamente à formação de padres,

estavam ligadas a uma forte determinação política e religiosa, ou seja, despertar na população a consciência de pertencer ao império que estava surgindo.

O movimento monástico atingiu a culminância com São Bento, fundador da ordem beneditina. Cada convento possuía uma biblioteca e uma sala de copistas que transcreviam os textos antigos.

As Escolas Presbiterianas ou paroquiais foram criadas por determinação do Concílio de Vaison (529), que determinava que todos os párocos rurais educassem meninos e ensinassem a eles os Salmos e as Escrituras, a fim de que se tornassem *bons párocos também*.

Outra modalidade eram as Escolas Paladinas, que se localizavam junto às Cortes, onde estudavam os filhos dos nobres. Estas foram amplamente difundidas por Carlos Magno. Os programas de estudos dessas escolas compunham as artes liberais, que se bifurcavam em *Trivium* (Gramática, Retórica e Dialética) e *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música). O método de estudos consistia em dez partes, como segue: o *Lectio* ou a leitura pelo professor de um texto clássico com o seu respectivo comentário; as *reportationes*, que eram as anotações feitas pelos alunos a partir da explanação do professor; seguiam-se depois as *questiones*, perguntas suscitadas a partir das explicações; destas surgiam os *disputatio* entre o professor e os alunos ou entre grupos de alunos seguindo o proceder da dialética; seguiam-se os exercícios de repetições das matérias ao meio-dia e ao entardecer, como forma de fixação do conhecimento adquirido. Os discípulos ainda dispunham de um caderno de *loci communes*, no qual registravam a ordem dos assuntos, pensamentos e palavras. Utilizavam também a *glosae*, que consistia em colocar no centro de uma folha de pergaminho um texto com espaço entre as linhas e nas laterais de modo a poder colocar aí anotações e observações.

Os professores utilizavam ainda o método de aprendizagem que consistia em pedir contas da *lectio* anterior, ou seja, tomar dos alunos a recapitulação da aula dada. Procedia-se também à representação cênica dos conteúdos apreendidos. Esses métodos de ensino foram retomados depois pela Escolástica Medieval.

O ensino medieval deixou de herança profundos estudos de exercícios de discussão de Teologia e Filosofia. Questões de disputas ordinárias que eram discussões públicas feitas por mestres e discípulos resultaram em *súmulas* ou *summae*, que são compêndios ordenados ou resumos de determinada matéria científica. É exemplo a *Summa Theologica* de Tomás de Aquino.

As universidades medievais propriamente ditas nascem a partir da conjunção de alguns elementos, como: o renascimento das cidades

no século XII; o advento das cruzadas e o contato com o Oriente; a afirmação dos imperadores e dos papas; as carências das escolas monacais e episcopais para dar conta de novos saberes; a formação de corporações de professores e alunos.

Assim, as universidades medievais nasceram de três formas: consuetudinárias, ou seja, espontaneamente a partir das escolas preexistentes (Paris e Bolonha); por privilégio, criadas por governantes ou pontífices (Nápoles e Toulouse), e por migração (Oxford e Cambridge). Conforme Ullmann,

Na secessão de Paris (1229-1231), mestres e discípulos dispersaram-se por diversas cidades de França, das quais duas, Angers e Orléans, que já possuíam escolas de direito, passaram, quase um século depois, à categoria de universidade – a primeira, em 1306, a segunda em 1337 – devido ao afluxo dos emigrados da cidade de Sena. Também Oxford acolheu trânsfugas parisienses (2000, p. 109).

Ao todo existiram na Europa medieval 46 universidades, para uma população que não ultrapassava cem milhões de habitantes. Nota-se que intensa foi a efervescência cultural desse período, portanto é absolutamente errôneo classificá-lo como Idade das Trevas.

## REFERÊNCIAS

- COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1941.
- DE BONI, Luis Alberto. Origens do pensamento medieval. In: *Uma história da filosofia: verdade, conhecimento e poder*. Rio de Janeiro: Univerta, UFRJ; IFICS, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva, 1984.
- ULLMANN, Reinhold. *As universidades medievais*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.